



VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARTES E LETRAS

Proprietario—JAYME CORRÉA
 Director—J. PEDROSO AMADO
 Chefe de redacção—EDUARDO FERNANDES
 Editor—ERNESTO ZENOGLIO

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes	Rs. \$300
6 >	> \$600
12 >	> \$1200
ESTRANGEIRO	
3 mezes	Rs. \$900
6 >	> \$1800
12 >	> \$3600

PREÇO AVULSO

30 RÉIS

—+—
 Toda a correspondencia deve ser dirigida para a RUA DO MUNDO, 81, 2.º

LISBOA

Composição e impressão
 Offic. da Ilustração Portuguesa
 RUA DO SÉCULO, 43

À constancia se deve toda a gloria.

LUIZ DE CAMÕES.



MARIA AUGUSTA
 Actriz

OFFICINA DE ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



A França festeja os dois grandes musicos Ambroise Thomaz e Liszt—Resumo das suas vidas—Documentos curiosos

A França e o mundo musical festejam actualmente os centenários dos nascimentos de duas grandes figuras do mundo musical, Ambroise Thomaz, o grande auctor do *Hamlet* e *Mignon*, e o abade Liszt, um dos compositores mais característicos do seculo passado.

Em um mero artigo noticioso impossivel será tratar d'estes dois compositores, com o desenvolvimento devido, mas por outro lado não podemos deixar de dizer algumas palavras sobre as suas vidas, pois acima de tudo estes artigos deverão ter em mira a educação popular e revelar quanto possivel os grandes vultos, essas grandes almas que, vibrantes nas regiões sagradas do Bello, produziram obras que passam a travez dos seculos como padões de gloria e genio. As obras que os artistas nos legam, sejam ellas de que natureza fôrem, despertam-nos sentimentos de tal ordem, que vivemos sempre em contacto com os seus auctores, chegando-nos a esquecer que elles passaram para as regiões infinitas do mysterio!

Ainda me recordo, como se fosse hoje, a impressão que me fez uma obra do classico Bach, a primeira vez que a executei!

E' uma obra, quasi desconhecida entre nós, e em que o grande musico descreve a despedida de um amigo. As paginas de despedida, a chegada do postilhão, a fuga final, são de uma tal intensidade suggestiva de dôr e saudade, que a imagem de Bach parece vir até nós, como a perguntar-nos: «Como isto é bello, não é verdade?»

Ambroise Thomaz nasceu em Metz em 1811, fallecendo em Paris em 1896. Desde os quatro annos, seu pae, professor de musica, começou a dar-lhe solfejo, e as primeiras lições de piano e violino. Em 1828 entrou no Conservatorio, onde alcançou bellas classificações nas classes de *piano*, *contraponto* e *fuga*. Foram seus professores: Dourlen, Lesueur, Zimmermann, Barbereau e Kalkbrenner.

Em 1832 com a cantata *Hermann et Ketty* teve o Premio de Roma. As suas obras principaes são: *Mignon*, *Hamlet*, *Raymond*, *Sange d'une nuit d'été*, *Psyché*, *Le Roman d'Elvire*, *Caid*, *Françoise de Rimini* e varias peças para *orchestra*, *córos* e *piano*.

Arthur Pougin no *Menestrel* de 1896 disse de Ambroise Thomaz as seguintes palavras:

«A nobreza do seu caracter, a dignidade da sua vida, o respeito absoluto de si proprio, o horror á vaidade, taes são os característicos moraes a juntar ao seu talento.»

Franz Liszt nasceu na Hungria em 1811 e morreu em Bayreuth em 1886. Foi um grande artista e desvendou grandes horizontes na evolução musical. A sua vida pôde ser dividida em tres periodos: como pianista de 1820 a 1849, como professor e compositor de obras symphonicas de 1849 a 1865, estada em Roma e musica religiosa de 1865 a 1886. A obra d'este grande compositor é deveras notavel.

As suas obras para piano, os poemas symphonicos, as phantasias sobre varios trechos d'operas, as rapsodias húngaras, são monumentos artisticos que attestam constantemente o seu grande e legitimo talento.

Como escriptor Liszt deixou além das suas interessantes cartas, duas obras d'um grande valor, um livro sobre *Chopin* e outro *Bahemios*.

Liszt foi um grande propagandista da obra de Ricardo Wagner, sendo devido a elle que a sua musica começou a ser ouvida, comprehendida e admirada.

Sobre Ambroise Thomaz appareceram agora uns documentos bastante curiosos devidos á penna de uma sua parenta, Alice Lafond; na impossibilidade de os reproduzir todos, apenas mostraremos dois, algo curiosos.

Como é sabido, Ambroise Thomaz possuía uma casa em Argenteuil, um verdadeiro canto de artista. Reunia ali um escolhido nucleo de artistas como Pauline Viardot, Nilson, *madame* Carva'ho, Constant Coquelin, Régnier, Fides Devrier, Calvé e tantos outros. As salas eram um verdadeiro museu de preciosidades, compradas á força de economias.

Durante a guerra de 1870 Ambroise Thomaz abandonou esta casa, não querendo sahir de Paris. Passada a guerra o auctor da *Mignon* voltou a Argenteuil. Lafond conta-nos assim o caso:

«Com o coração apertado, Ambroise Thomaz veiu por uma manhã de janeiro a Argenteuil, esperando de antemão todos os desastres. Meio tremulo abre o portão de grades, pensativo atravessou os campos de vinha até ao segundo portão. Alli analysou tudo, nada havia mudado! Permaneceram ali tantos officiaes allemães e tudo estava na mesma?!

Thomaz sobe a escada; tudo em uma perfeita ordem! Apenas um cartão estava enlataado em uma janella. Dizia assim:

Coronel Korff

Sobrinho de Meyerbeer

Oramienstrasse, 101

Meyerbeer, o grande compositor, tinha sido um grande amigo de Ambroise Thomaz, e os seus filhos e parentes testemunharam sempre pelo compositor francez uma grande estima. Vinte annos mais tarde, Ambroise Thomaz, em Veneza, contava em uma gondola este caso á filha de Meyerbeer, a baroneza Andrian Meyerbeer, com os olhos cheios de lagrimas.»

Sobre Liszt, Theophile Gautier escreveu um notavel folhetim, hoje paginas quasi esquecidas, e que é bom renovar.

«Estavamos perto do piano. Liszt executava as *Melodias Húngaras*,

Seus olhos vagueavam na luz da inspiração, os seus cabellos ondulavam ao vento dos sons; mas um sorriso verdadeiramente diabolico crispava os cantos da bocca, parecendo revelar um desdem ironico. Era pela propria arte ou pelo proprio entusiasmo? Não sei dizer. As mãos nervosas iam e vinham, subjugando o ebano e o marfim do teclado. A sua technica tão extraordinaria, fazia parecer quatro mãos!»

Este final do folhetim, de Gauthier, pinto com realidade a forma de tocar que Liszt apresentava nos concertos. O piano era uma orchestra sob o jugo das suas mãos. Por isso muito bem diz Saint-Saens, referindo-se a Liszt:

«A influencia de Liszt sobre os destinos do piano foi immensa; só a posso comparar á revolução operada por Victor Hugo no mecanismo da lingua franceza.»

ALFREDO PINTO (Sacavem).



A palha humedecida dos carcerees

Passou elle os dez primeiros annos do carcere, sem nada fazer:—tempo assás necessario para regenerar-se, acostumar-se, ajustar-se aos habitos da casa.

Entretanto, como lhe faltava ainda cumprir vinte annos de pena, viu uma formosa manhã quão vergonhoso era viver á conta de preguiçoso e que havia mister inventar uma occupação digna, — não de um homem livre, visto ser elle um condemnado,—mas simplesmente um bom homem.

Gastou um anno em reflectir, em considerar os diferentes projectos que lhe acudiam á mente e em decidir qual devia ser o objecto decretorio da sua vida.

—Educar uma aranha? Era carunhoso, bem conhecido.

—Arremedar Pellico? Ah! méro plagio.

—Contar com os dedos as rugosidades da parede? Passatempo ridiculo, inutil, sem resultado.

—E' preciso, disse, encontrar alguma coisa que seja ao mesmo tempo curiosa, aproveitavel e vingativa.

E' preciso ser inventada uma tarefa que mate o tempo, dê logar a algum bem estar e tenha a valia d'um protesto.

Mais um anno foi consumido n'essa idéa e o successo recompensou, emfim, tanta perseverança. O prisioneiro habitava um verdadeiro calabouço onde o sol entrava apenas meia hora por dia e além d'isto por um tenue raio semelhante a um cabelo de luz.

O leito em que o infeliz repousava o corpo dolorido, era de palha humedecida.

—Pois bem, exclamou elle com energia, vou aborrecer o meu carcereiro e zombar da justiça; secarei a minha palha!

Contou primeiro as feveras que formavam a sua esteira. Havia mil trezente e sete. Uma pobre esteira!

Em seguida fez experiencias para saber o tempo necessario de seccar uma fevera.

Gastava tres quartos de hora.

Isto dava ao todo para as mil trezentas e sete feveras, uma somma de novecentas e oitenta horas e quinze minutos, ou seja meia hora de sol por dia, dez mil novecentos e sessenta e um dias.

Admittindo-se que o sol brilhe em média vinte e quatro horas em cada tres dias, tem-se um total de dezesseis annos, um mez, uma semana e seis dias.

Era em quasi seis mezes o que lhe restava fazer.

Deitou mão á obra.

Quando o sol se mostrava, o prisioneiro punha uma fevera de palha na réstea, aproveitando assim toda a luz solar.

O resto do tempo empregava-o em aquecer sob as suas roupas o que tinha podido enugar.

Decorrem dez annos.

Agora o prisioneiro deitava-se apenas em um terço da esteira humedecida, mas tinha o peito ainda atulhado sobre outros dois terços, que, por sua vez, se iam aquecendo pouco a pouco.

Passaram-se quinze annos.

Oh! alegria! Não existir mais que cento e trinta e seis feveras humedecidas!

Mais quatrocentos e oito dias e poderia levantar-se orgulhoso da sua obra e da sua victoria sobre a sociedade, para exclamar com uma inflexão vingativa, onde transpareceria o rir satânico dos revoltados:

—Ah! Ah! condemnaes-me á palha humedecida dos carcerees. Pois bem! chorea de raiva! deito-me agora em palha enxada.



Ail a sorte mal espreitava a sua presa! Uma noite, em que o encarcerado pensava na felicidade futura, em meio do delirio fez gestos desabaiados, virou a bilha e a agua corrente caiu sobre o seu peito.

Toda a palha estava molhada! Que fazer? Recomeçar o trabalho de Sisypho? Gastar ainda quinze annos para facilitar raios de sol em feveras de palha humedecida?

E o desanimo!

Vós, os felizes do mundo, que recusais um prazer quando, para obtel-o, é preciso dar vinte e cinco passos, ousareis lançar-lhe a primeira pedra? Porém, direis, não tinha mais que um anno e meio a esperar!

Como! Pois este homem, depois de ter trabalhado quinze annos para dormir em palha enxuta, consentiria em abandonar o carcere levando nos cabellos mólhos de palha humedecida? E' se digno ou não se é...

Oito dias e cinco noites debateu-se em angustias, luctando com o desespero, procurando retomar pé em meio da fraqueza que o invadia.

Termino por considerar-se vencido. Havia perdido a b'itlha.

Uma tarde cahiu de joelhos, aniquilado, de desesperado.

—Meu Deus! disse elle, chorando, peçovos perdão por estar desanimado. Padeeci trinta annos, senti os meus hombros emagrecer, a minha pelle macerar-se, a minha vista cansar, o meu sangue descorar, os meus cabellos e os meus dentes cairem. Resisti á fome, ao frio, á solidão. Eu tinha um anhelto a amparar os meus esforços e um ideal a guiar-me na vida. Agora o meu anhelto é impossivel realisar-se e o meu ideal fugiu para sempre! Estou deshonrado! Perdoae-me por desertar do meu posto, por abandonar o campo e tentar salvar-me como um covarde...

Em seguida indignado:

—Não! exclamou, não, mil vezes não!

Nunca se dirá que por coisa nenhuma perdi a vida. Não, não estou vencido! não desertarei! Não, não sou um covarde! não, me deitarei mais um minuto sobre a palha humedecida do carcere! Não, a sociedade não terá que dizer de mim!

E o prisioneiro, á noite, morria—vencido como Brutus, grande como Catão!

Morreu d'uma indigestão heroica. Tinha comido toda a palha.

JEAN RICHELIN.

Soneto

*Affiz-me de tal modo ao soffrimento
—Por tel-o como pão de cada dia—
Que só n'elle hoje está minh'allegria,
N'elle só ponho amor, entendimento.*

*O languido prazer do meu tormento
Não trocava p'la taça da ambrosia
Dos bons terrenos, que a Vauidade cria,
E voam, se desfazem, n'um momento.*

*—Soffer, suffer!... Como é voluptuoso!...
Haurir todo o fel da Desventura,
A lentos tragos, que supremo goso!...*

*E' antever, bem perto, a sepultura
—O almejado porto remansoso,
Onde uma vida nasce eterna e pura!...*

JAYME CUNHA.

Jenny Lind

Anunciámos ha tempos uma série de artigos sobre esta notavel cantora, cuja carreira artistica foi notabilissima e cujo coração foi um espelho de virtudes. Pois podemos annunciá-los aos nossos leitores que no proximo numero daremos inicio a esses artigos, todos elles tão suggestivos e interessantes.

Após a publicação na *Vida Artistica* apparecerão em volume.

Se nós matassemos o Gama

(Continuado do numero anterior)

Assim, este nome fica na historia de um povo sem que todavia houvesse razões para tão grande endeusamento. Foi um cavalleiro que foi á India e deitou os astrolabios ao mar, nas alturas de Melinde; a par d'elle ninguem porá Pedro Nunes, esquecendo toda a gente que para que houvesse heroes—se tivesse que os preparar. O Gama, sendo um symbolo de patriotismo, demonstra bem que especie de patriotismo entretem os inflamados.

Ora, senhores, para o que lhes havia de dar!...

O que será então amor da patria, amor pela nossa terra? Como se concretisa, como se torna util?—Em factos, muitissimos factos. Palavras, disseram-se demais—por seculos fartos. Ainda hoje se dizem aos milhões. Somos um paiz sem grada cathogoria na Europa, mas que importa isso? Temos um grande imperio ultramarino (este imperio ultramarino é, realmente, de veras interessante). Portugal é dos paizes da Europa que, sendo pequeno e de regular configuração geographica, ainda não tem completa a sua rede ferro-viaria, mas para que serve isso? para que serve uma rede ferroviaria á ditosa patria de Bartholomeu Dias que foi n'uma caravella de setenta toneladas? O Alemejo é uma charneca inculta na sua maior parte, nem sequer tem um canal de irrigação—mas conquistámos a terra da India! São coisas que se compensam! Não temos riqueza, mas temos o primeiro cerco de Diu. Não temos instrução, mas tivemos um homem que se chamou Luiz de Camões. Como não temos coisa alguma, suprimos a deficiência pensando no que já tivemos. E' facil, é commodo—e perfeitamente inutil.

Decerto, as tradições são gloriosas, são uteis mesmo, necessarias á vida de um paiz; mas usemos d'ellas com commedimento, com muitissima avareza—porque as glorias á força de manuseadas, tornam-se subteis, gastam-se—e desacreditam-se. São excellentes para galvanisar os povos em determinadas occasiões, mas muito propinadas perdem a virtude. Ha sujeitinho que, só pelo facto de ser portuguez, imagina que cumpriu a sua missão na terra. Solta estrondosos vivas á patria, palpita todo por ella, mas não lhe dava quatro vintens—e ainda menos a vida. E era isso unicamente que todos deviam dar-lhe, mas sem o andar a apregoar pelas esquinas—o que além de ser de mau gosto é superiormente ridiculo e define logo uma creatura.

Sem patriotismos, sem manifestações, sem bandeiras, vêde o que os anglo-germanos fizeram da America do Norte; lançaes agora os olhos para o sul-latino, contemple a obra de hespanhoes e portuguezes. Quando, no principio do seculo passado, a confederação americana começa dictando leis ao mundo, que lamentosos feudos não eram o Brasil, a Argentina, todas as outras republicas congeneres! Tudo depende de encerrar as coisas pelo lado pratico. Glorias nunca deram de comer a ninguem! Para que servem? Nem para empenhar. Mate-mos, pois, o Gama, matemos a corriqueira, a abominavel forma de ser patriota. Fez-se-lhe um centenario. Foi lindo. Enterrou-se nos Jeronymos ou pelo menos estará lá alguém que lhe presta o serviço de se deixar enterrar por elle. Excelente. E uma vez arrumados os mortos, tratemos de viver com os vivos. Certas pessoas, de volta dos Prazeres, no acompanhamento d'algum finado querido, veem de taberna em taberna a provar o vinho; a nação enterra o Gama e volta para casa a scismar na virtude d'elle, nas barbas d'elle, nos pés d'elle... E toda cho-

ra, toda se lamenta... «Aquillo é que era um homem!... Já não ha gente assim!... E quando elle fez isto?... E quando elle fez aquillo?...» Irral Fez, Fez mas morreu, não torna a fazer mais nada. Vamos a tratar dos negocios de todos nós porque nada lhe falta a elle, no conforto do seu sarcophago—e além d'isso deu o nome a uma rua. E' a consagração suprema; está tudo dito, está tudo feito.

Que, para os paroleiros meridionaes, prenhes de theoria, a pratica apresenta difficuldades quasi insuperaveis, comprehendese. Não é de um dia para o outro que se modifica o facies d'uma orientação. Portuguesezinho que no remanso do seu gabinete, accende o cigarro e sonha, raras vezes se lembra de enfiar as botas, pôr o chapéu de côco e vir para o meio da rua. (Tambem tem as suas vantagens, porque isto de vir para o meio da rua, não é para toda a gente). Theorias, theorias, theorias, um numero consideravel de theorias. Factos:—nenhum. Nas theorias, muito escondido, muito encaotado por vezes, lá está o Gama, velhaco, cynico e malandro a rir-se de todos nós. No sonho, lá está elle a fomental-o, esfregando as mãos. No programma, deitou a cabeça de fóra com arreganho. Sempre o velho patife; sempre—e em toda a parte. Matem-no por uma vez!

Eu não sei se os senhores leram *Os Maías*. A paginas tantas o Carlos e o Ega querem fundar uma revista. Discute-se a fórma da capa. E então o velho Affonso com a sua barbicha muito branca e os olhos muito vivos propõem para lemma: aos politicos, *menos liberalismo e mais caracter*, aos homens de letras *menos eloquencia e mais idéas*, aos cidadãos em geral *menos progresso e mais moral*. Riquissimas palavras! O velho Affonso odiava profundamente o Gama!

FIM

MARIO D'ALMEIDA.

Representação

Uma commissão composta de diversos elementos do theatro, entregou no dia 30 do mez findo ao sr. ministro das Finanças, uma representação contendo cerca de 1:000 assignaturas de todas as classes que do theatro vivem, tendente a pedir seja mantida a lei mandada pôr em vigor pelo sr. José Relvas, quando ministro, que ordena o pagamento do sello em duplo nas casas de espectaculos onde se exhibem artistas estrangeiros.

Theatro de S. Carlos

Os srs. Calleja y Boceta, emprezarios do Theatro de S. Carlos, com o seu alto criterio artistico e ajudados pelo nosso amigo e eminente artista Mauricio Bensaude, acabam de escripturar para S. Carlos os artistas seguintes:

Rosina Storchio, a celebre cantora que o nosso publico admirou em S. Carlos ha dois annos. Esther Mazzoleni, a melhor soprano dramatico que existe hoje em arte e que cantou por tres epocas seguidas no Scala de Milão. Ladislava Hotkovska, uma artista de grande merito, que cantou em S. Carlos ha dois annos, com muitos applausos e que volta entre nós com os seus magnificos dotes de artista consummada. Alexina e Buissen, duas sopranos de cartelo, que cantam com applauso nos melhores theatros da Europa.

Zinowief, o melhor e mais afamado tenor dramatico que existe hoje em arte, e que ultimamente obteve um grande successo no Theatro Dal Verme de Milão.

De Ry, um tenor de graça, inveiavel pela maneira como canta e sabe usar a sua magnifica voz.

Macnez, um dos artistas predilectos do Theatro Real de Madrid, possuindo a mais bella voz dos tenores em voga.

Chalis, um magnifico baritono, assim como Hernandez, que já esteve em S. Carlos no inicio da sua carreira.

Pode dizer-se que Lisboa terá esta epoca os melhores baixos que existem hoje em carreira: Masini Pierale, que no Real de Madrid, onde tambem cantará, interpretará a parte de «Mephistophel» no «Fausto», e Rossato, um dos melhores baixos de voz possante. Riera tambem fará parte da companhia.

Puro livre pensamento

Por que o que vai lêr-se envolve de certo modo um assumpto artistico, augmentado com uma questão agora suscitada com o chefe de redacção d'esta revista, a proposito d'uns artigos aqui publicados, julgamos dever tratar do caso aqui, tanto mais que orientará gregos e troyanos.

Narremos, pois.

Como os leitores tem visto, este semanario, em artigos consecutivos, devidamente rubricados com um pseudonymo facilimo de decifrar, tem tratado, como outros periodicos de pequena circulação, do já celebre caso que á direcção da Associação do Registo Civil aprovou tratar, mettendo-se a advogar a revogação da lei que ordena o pagamento do duplo do sello de entrada nas casas de espectáculo onde se exhibem artistas estrangeiros.

Para a apreciação do estranho caso que suggere este artigo, convém dizer que não é meu fito julgar aqui se a referida direcção andou bem ou mal advogando os interesses de estrangeiros contra nacionaes, ou se, ao fazel-o, obedeceu, ou desobedeceu, aos propositos e fins para que a Associação foi instituida, pelo que, segundo as circunstancias, engrandeceria esta ou a colicaria em cheque.

Isso é para outro logar e o meu fim, ao presente, é diverso.

Assim, dizia eu, esses artigos, sob o titulo—*O fim d'uma burla ou o sello nos bilhetes de theatro*,—são da paternidade de quem que os subscrive e que por consequencia assume a sua responsabilidade, e não meus, simples chefe de redacção d'esta revista, que tem um director.

Ora, por que o auctor dos referidos artigos entendesse, ao encetar a sua publicação, achar irregular o procedimento da direcção do Registo Civil em tal assumpto, criticando acerbamente esse acto publico, notorio e contrario ás boas doutrinas, como attentatorio dos interesses do thesouro publico e com manifesto prejuizo para os artistas dramaticos nacionaes e seus colaboradores, a referida direcção da Associação do Registo Civil, reputando taes artigos injuriosos, (?) achou os supostos perdidos oculos, e disparou-me ... o seguinte officio, cuja orthographia conservo fiel:

Lisboa, 18 de outubro de 1911.

Ex.^{mo} Sr. Eduardo Fernandes.

A direcção d'esta collectividade, tendo apreciado um artigo publicado no n.º 27 da revista, *Vida Artistica*, correspondente á 4.^a semana, de Setembro findo, e intitulado *Fim d'uma burla*, deseja saber se sois vós, socio da associação do registo civil, ou o chefe da redacção que tem uso do mesmo nome igual ao vosso, igualmente deseja saber se estaes de accordo com o referido artigo.

peço-vos, pois, o favor d'uma resposta o mais breve possivel o que desde já vos agradece

Ao Ex.^{mo} Sr. Eduardo Fernandes, socio da Associação do Registo Civil

O secretario
João dos Santos.

Abstrahindo certa falta de cortezia e a impertinencia que o theor revella, riposteii:

Concidadão:

Accuso a recepção do seu officio de 18 do corrente.

Por deferencia pessoal, apraz-me dizer-lhe que o chefe da redacção da *Vida Artistica* e o socio d'essa Associação de nome Eduardo Fernandes, são uma e a mesma pessoa, e que esta é o signatario.

Saude e fraternidade.

Vosso
Eduardo Fernandes.

(Socio n.º 6:039 d'essa Associação e secretario da Associação dos Artistas Dramaticos).

D'onde se conclue que sou socio da so-

bre dita Associação, e pelo que recebi este outro:

Lisboa, 27 de outubro de 1911.

Ex.^{mo} Sr. Eduardo Fernandes

A' direcção d'esta collectividade tendo conhecimento, pela vossa carta, que sois vós o chefe da redacção da revista *Vida Artistica*, que publicou um artigo injurioso para a mesma Associação e seus directores, resolveu em sessão de 24 eliminar-vos de socio da Associação do Registo Civil e consequentemente participar-vos que por motivo d'essa resolução ficais inhibido de entrar na sede da instituição injuriada.

Ao sr. Eduardo Fernandes.

O secretario
João dos Santos.

Como vêem, é original, estupefaciente!

Concedo me digam que, dada a minha dupla qualidade de chefe da redacção d'este semanario e socio da Associação do Registo Civil, poderia conciliar estas duas entidades, sem prejuizo de nenhuma. Mas quem pôde assegurar que não se observou este preceito? A direcção d'essa Associação; a qual prova muito bem que não, por que em seu alto criterio entendeu que devia ser eu o responsavel pelo que os outros escrevem e assignam, e não se dirigir ao associado a pedir-lhe uma entrevista onde se trocariam explicações que bastassem.

E por que o não fez ella?

Pela simples razão de que, quando se permittiu convocar uma reunião de entidades e collectividades, das quaes se pretendia o concurso, para pedir injustamente ao governo a annullação da citada lei,—no que se compromettia a probidade e patriotismo d'essas collectividades, se ellas o não tivessem percebido a tempo,—eu, allegando a dupla qualidade de agremiado na Associação do Registo Civil e de membro da classe dos artistas dramaticos, dirigi á mesa d'essa memoravel assembléa o officio seguinte:

Ex.^{mo} Sr.

Leio nos jornaes um aviso convocando a reunir hoje, nas salas d'essa Associação, diversas collectividades e agremiações, com o fim de representar contra a lei ultimamente posta em vigor, ordena do o augmento do imposto do sello nos espectaculos em que tomem parte artistas estrangeiros.

Allega-se n'essa convocação que o referido imposto, «é vexatorio e iniquo» e «que vem agravar mais e mais a situação do povo».

Assim:

Considerando que tal allegação é completamente destituída de fundamento, por quanto o imposto referido é absolutamente liberrimo, pois quem o quizer pagar paga-o, mas quem o não quizer fazer, a isso não é obrigado;

Considerando que o imposto citado comprehendido, como boa doutrina democratica, que as industrias nacionaes estão acima dos interesses estrangeiros e precisam e devem, por consequente, ter medidas de protecção e amparo, sejam quaes forem as condições em que ellas se encontrem no presente momento;

Considerando que essa protecção e amparo, verdadeira manifestação patriótica de portugueses por portugueses, só d'uns para outros pôde e deve advir;

Considerando que n'estas circunstancias a arte e classe dramatica nacionaes, precisam d'essa protecção contra a concorrência estrangeira, pois d'ahi resulta o pão de cerca de 12:000 pessoas que vivem do theatro em Portugal;

Considerando que a pretexto da abolição do imposto referido se entende servir interesses particulares, para o que se alliciam classes e entidades que se devem mutuo auxilio;

Na minha dupla qualidade de socio d'essa Associação e da classe dos Artistas Dramaticos e dos trabalhadores do theatro nacional, protesto energicamente contra qualquer resolução que n'essa assembléa se tome, tendente á derrogação do imposto citado e pelos motivos allegados.

Lisboa, 19 de setembro de 1911.

(a) Eduardo Fernandes,
Socio n.º ...

O qual, a despeito de ser lido na mesa, (segundo me affirmaram), por modo que poucos ouviram, provocou ainda assim ceulema bastante para que o diabolico proje-

cto descesse ao limbo, entre um côro de maldições.

Prova-o as repetidas convocações, a que ninguém compareceu, e outras razões de ordem superior.

Como isto não vai a matar, continuaremos no proximo numero.

EDUARDO FERNANDES.

Rememorando

Foi em outubro de 1871 que, o hoje venerando cidadão Theophilo Braga, a nossa primeira individualidade da litteratura, deu á luz o ultimo tomo da «Historia do theatro portuguez», o qual constava de 4 volumes, abrangendo os seculos XVI e XIX até á morte de Garrett.

Theophilo Braga, que contava então 27 annos, já era considerado como um talento de primeira plana.

* * *

A proposito, faremos tambem um pouco de historia e investigando metulosamente da existencia do velho theatro da rua dos Condes, apuramos que em 1871, a imprensa de então dizia:

«O honrado negociante d'esta praça o sr. Antonio José Marques Leal, proprietario d'uma vasta área que circunda o theatro da rua dos Condes, na qual tem feito edificações magnificas, tem até hoje conservado o tradicional theatro, mas instado por seu proprio animo, afeito ao amor das coisas nacionaes, e por pedidos e conselhos de outros amadores do theatro portuguez, mostra-se resolido a fazer do velho theatro um theatro novo, vasto e commodo, contanto que, e n'isto tem razão, se lhe garanta o arrendamento por alguns annos.

Boa occasião de se formar uma companhia solidada, illustrada e digna para tomar tal empresa. Aquelle velho pardieiro, que a tradição popular venera como memoria gloriosa do renascimento do theatro nacional no presente seculo, e o unico representante da arte em que tanto se afanaram os velhos theatros lisboenses, taes como o do pateo das Arcas, o da Mouraria, o do Bairro Alto, etc., sem contemporaneos, e que a mão do tempo destruiu, é uma das mais felizes casas de espectaculos de Lisboa. Tem ali corrido, ainda n'estes ultimos annos, rios de dinheiro. No tempo da Associação theatral houve anno em que produziu vinte e mais contos de reis poudo espectaculos de pouca despeza.

O sr. Carlos A. S. Pessoa reproduziu ali, adequado á scena moderna, boa parte do repertorio do «Judeu» (Antonio José da Silva), que tanto florescera no theatro do Bairro Alto. O actual theatro foi edificado em 1730 junto ás ruinas do theatro do Pateo dos Condes, e ao lado da antiga prisão, geralmente denominada Tronco, pelo architecto Patronio Mazoni. O pateo que existe ao lado, ainda hoje se denomina pateo do Tronco. Diz-nos o sr. José Silvestre Ribeiro que no local onde hoje existe o theatro edificara em 1553 um palacio Fernão Alves de Andrade, que ali tinha uma bibliotheca de dezto mil volumes.

N'esse palacio, que foi destruido pelo terramoto, celebrava as suas sessões a Academia das Conferencias discretas ou eruditas, instituida em 1696 na livraria do conde da Ericeira. Talvez o theatro do pateo dos Condes estivesse em alguma dependencia d'este palacio.

Actriz Maria Augusta

Inseriuho hoje o retrato d'esta estudiosa artista do Gymnasio, prestamos homenagem aos seus valiosos dotes de actriz de comedia, cuja carreira, quasi feita no Brazil, onde viveu largos annos, é um documento a provar quanto pode o estudo e o amor pela nobre arte de representar quando alliados á probidade.

PST.

Origem da palavra cidadão

A origem do tratamento de cidadão data dos preciosos dias do mez de outubro de 1774.

São curiosas as circunstancias que lhe deram origem.

Beaumarchais, que n'essa occasião, tinha uma demanda com um conselheiro, advogou pessoalmente a sua propria causa perante o parlamento, e ahi, apellou para a opinião publica.

—Sou um cidadão, disse elle, isto é, não sou um financeiro, nem um abbade, nem um cortezão, nem um favorito, nem nada do que se chama uma potencia. Sou um cidadão, isto é, uma coisa desconhecida, inaudita em França. Sou um cidadão, isto é, aquillo que vos queires ser ha duzentos annos, aquillo que d'aqui a vinte annos talvez sejaes.

Estava lançada a palavra cidadão. Depois d'isso, todos sabem como ella fez o seu caminho.



ACTRIZ LUIZA FIALHO AOS 24 ANNOS

Uma familia d'artistas

Publicamos hoje os retratos dos tres irmãos Fialho, dois dos quaes mortos já, sendo o ultimo d'estes o maestro Luiz Fialho, recentemente fallecido.

Fallemos do primeiro d'esses artistas, que no theatro occupou um lugar de destaque, e do qual damos á estampa tres retratos tirados em epochas diferentes: Luiza Fialho.

Nacceu Luiza Leopoldina Fialho a 15 de janeiro de 1838, em a Torre de S. Julião da Barra, sendo seus paes Luiz Cordeiro Fialho e Josepha Joaquina Pereira.

Sentindo-se animada da idéa de ingressar no theatro, eil-a aos 13 annos incompletos, 1851, estreitando-se n'um theatro particular, existente ao tempo na Caçada do Salitre, ao pé do theatro que ali houve d'este nome, mais tarde denominado Variedades, o qual estava edificado pouco mais ou menos onde existe hoje o Avenida.

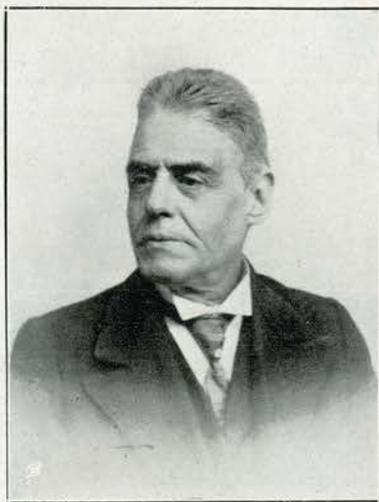
Ali se estreiou, pois, com uma sociedade de amadores, composta por empregados do commercio, entrando na comedia *Empresta-me dois pintos?*, seguindo-se-lhe *Maria ou 15 annos depois* e *Um rapto*, fazendo n'este um papel de ovarina, tão perfeitamente viciado, que lhe valeu uma ovação extraordinaria e a offerta de um contracto para o antigo theatro da Rua dos Condes, mais tarde demolido e substituido pelo actual.

Apparece-nos, pois, ali em 21 de dezembro de 1852, na peça *Cosimo*, na qual a musica era do maestro S. Noronha. A sua estreia foi um successo.

Permaneceu n'este theatro até 1856, entrando nas seguintes peças: *Graça de Deus*, *Ramalheteira*, *Filha bem guardada*, *Perdão d'acto*, na qual fazia o papel de estudante, e outras.

Em seguida passou para o theatro D. Fernando, existente no largo de Santa Justa, no mesmo prédio onde hoje está o deposito de papel do Prado e cuja fachada ainda é a mesma.

Representou ali, entre outras, as peças *Conspirações*, *Amor e Gloria*, operetta com musica do grande maestro Casimiro Junior, *Quem o alheio veste...*, *Mathews o galeiro*, *O dinheiro nem sempre vence*, *Palavra de rei*, etc.



JOSÉ FIALHO

Em julho de 1858 voltou para a Rua dos Condes, representando *Sapateteo indústrioso*, *Luiza e Augusto*, *Namorado exemplar*, *Guardas do rei de São*, *Noiva de pau*, *Tres inimigos d'alma*, *Encantos de Medea*, *Um coronel do reinado de Luiz XV*, *Amor a quanto obriga*, *Os dois irmãos*, *O que é Lisboa*, *Conspiração feminina*, *Amor aos bofelões*, *66*, *Amor e loucura*, etc.

Em quasi todas estas peças, operettas, Luiza Fialho mostrou a trespura e vigorosidade da sua voz de meio soprano ligeiro, descendo com facilidade ao *dó grave* e subindo sem esforço ao *lá agudo*.

D'ella nos diz o grande maestro Eugenio Ricardo Monteiro d'Almeida, que «se tivera cultivado a voz, poderia dar o *dó grave* e o *dó agudo*».

Muita gente se deve recordar ainda do extraordinario sentimento que Luiza Fialho despertou cantando o *Dies iræ* do *Libera-me* que o referido maestro compoz para as exequias de D. Pedro V.

Em julho de 1865 deixou a Rua dos Condes pelo Variedades, convidada pelo fallecido empresario Pinto Bastos, sendo n'essa occasião instada pelo dr. Luiz da Costa, commissario regio junto ao theatro de D. Maria II, hoje Almeida Garrett, para fazer parte da companhia d'aquelle theatro.

No Variedades, a contar de agosto do anno citado, representou com o eminente e saudoso Antonio Pedro, entrando na magica *Pera de Satanaz*, no papel de *Castanheta*, anteriormente feito pela fallecida Maria Joanna, seguindo-se peças, taes como: *Pomba dos ovos de ouro*, *Espeho da Verdade*, *Dois cadés*, etc.

Em agosto de 1867 contractou-se no theatro do Principe Real, (hoje Apollo), empresa Pinto Bastos e actor José Carlos dos Santos, entrando na opera comica *Grã-Duqueza de Gerolslein*, fazendo o papel de *Wanda*, partindo em julho de 1868 para o Porto, pela primeira vez, por conta da mesma empresa, trabalhando ali nos theatros de S. João, Palacio de



ACTRIZ LUIZA FIALHO AOS 30 ANNOS

Crystal, Baquet e Principe Real, vindo novamente para Lisboa, quando Pinto Bastos se desgheu de Santos Pitorra e formou empresa na Rua dos Condes.

(Continúa.)

E. F.

O orçamento de Berlim

Em 1910, as despesas municipaes de Berlim elevavam-se a 299 milhões de marcos equilibrados pelas receitas. Estas receitas provieram capitalmente dos rendimentos fundiarios (onze milhões); das empresas municipaes, (sete milhões); dos impostos (87 milhões); e dos rendimentos diversos, (6 milhões).

Os excessos da despeza provieram: da instrução publica, 33 milhões; da assistência publica, 17 milhões; da hygiene e dos hospitaes, 12 milhões; da policia, 10 milhões; da illuminação e conservação das ruas, 8 milhões; das construcções, 5 milhões; da admini tração, 18 milhões; dos serviços da divida, 8 milhões.

Para não provocar a saída das grandes fortunas, a municipalidade de Berlim não tem recorrido ao imposto progressivo sobre o rendimento. Contentou-se em augmentar consideravelmente o imposto predial, tanto sobre os terrenos como sobre as casas, pesando o ultimo, pode dizer-se que inteiramente sobre os locatarios.

O exagero das rendas de casa ainda tem outras causas: rigor dos regulamentos policiaes relativos a construcção, especulação desenfreada sobre os terrenos, etc. A municipalidade não soube adquirir enquanto era tempo, terreno para construcções baratas. Hoje o terreno é oito ou dez vezes mais caro de que em Londres.

Em 1901, as rendas de casa dos pequenos arrendatarios, quer dizer 85 % da população, augmentaram de 10 %; a renda de casa absorve até 38 % do rendimento da classe popular.



LUIZ FIALHO, MAESTRO

PAPEIS VELHOS

Rivalidade entre Donatello e Brunelesco

Estes dois nomes representam dois grandes artistas da Renascença, que foram sempre unidos por uns fortes laços de amizade.

O primeiro era escultor e o segundo architecto.

Mas n'esse tempo os artistas não se dedicavam exclusivamente á sua especialidade, como fazem hoje, e assim Brunelesco desenhando os planos da igreja de Santa Maria das Flôres, em Florença, occupava tambem o tempo a esculpir estatuas de santos ou objectos de culto para os outros templos da cidade.

Entre os dois artistas nasceu uma rivalidade alegre e viva que nunca chegou á inveja.

Donatello fizera uma vez um crucifixo de madeira para a igreja de Santa Croce, o chamado Pantheon da Italia, porque se tem enterrado n'elle os homens mais celebres. O escultor pediu ao amigo para vêr a sua obra, Brunelesco olhou, ficou pensativo al tempo e depois sorriu-se um pouco. Donatello, talvez descontente, perguntou-lhe a razão do seu sorriso:

—Olha, amigo, o que está pregado na cruz mais parece um camponez que o filho da Virgem.

—Talvez tenhas razão, mas faz um que valha o meu. Eu espero, não me importa. Brunelesco não respondeu nada.



ACTRIZ LUIZA FIALHO AOS 42 ANNOS

Os dois artistas separaram-se e o artista pôz as mãos á obra.

—Então esse Christo, essa famosa obra, quando apparece?—perguntava de tempos a tempos Donatello.

—Paciencia, quem espera sempre alcança.

Passava-se o tempo e Donatello já não pensava na esculptura do seu amigo.

Um bello dia Brunesco convidou para almoçar o seu amigo. N'essa época entre os artistas não havia muito dinheiro e assim Brunesco comprou ovos, cabrito, melancia e queijo de Garganzola.

—Toma, Donatello, leva tudo isto a casa enquanto eu vou comprar uma garrafa de Chianti para completar o pet'sco.

Donatello, carregado com as compras, lá foi para casa do seu amigo.

A porta estava apenas encostada e o esculptor poudo entrar com a maxima facilidade. No meio de uma sala encontrou um crucifixo, no qual Brunesco trabalhava já ha muitas semanas. O corpo de Christo traduzia todo o poder da Dôr e do Amôr. O rosto tinha uma transparencia celestial; era uma obra notavel.

Donatello, ao contemplar a obra, deu um grito de espanto, deixando cahir no chão todas as compras; foi um desastre completo, adeus almoço!

Quando Brunesco chegou riu muito ao vêr a atrapalhação do seu rival.

—Não faz mal, almoçaremos de cór!

—Ah!—disse Donatello—pelo meu lado estou satisfeito, estou maravilhado! Perdôame o que eu te disse; tu ficarás o esculptor dos Christos, eu dos camponezes.

As duas obras existem ainda; o Christo de Brunesco está em Santa Maria Nova e o de Donatello em Santa Croce.

ATIS.



GRANDES PROVAS DO OUTOMNO

Em homenagem á grande comissão organisa-dora das festas do primeiro anniversario da Republica

Pôde dizer-se, sem medo de um desmentido, que as provas realisadas no passado domingo, 29, foram não só das melhores que ultimamente se tem effectuado, como tambem excederam em muito á concorrencia de espectadores que se tem visto em provas d'esta natureza, para o que, talvez, concorrêsse em grande parte a belleza do dia.

O cyclismo com as suas corridas, é ainda um dos ramos sportivos que mais interesse desperta, especialmente pelo valor incontestavel dos nossos cy-

clistas, que fortes e arrojados, manifestam se rype grande interesse em obter um logar victorioso na classificação geral e d'ahi a lucta que sempre se estabelece.

Foi Mario Beirão quem triumphou em primeiro logar, tendo competidores consagrados e fazendo uma bella media de 49 kilometros á hora, n'uma excellente moto, por pessimas estradas, que as ultimas chuvas puzeram n'um estado verdade ramente intrasitavel.

Carlos de Almeida chegou em segundo logar com a pequena differença de 8 minutos, o que demonstra o seu muito valor.

As corridas de velocidade, que ha muito tempo se não faziam entre nós, voltaram a ser o «clou» das provas de que são sempre as mais emocionante parte, influindo sobremaneira no espirito do espectador a quem domina o interesse pelas qualidades physicas e intellectuaes d'este ou d'aquelle cyclista.

E digo intellectuaes, porque nas corridas de «velocidade» não é só o pedal que trabalha, é tambem a intelligencia que predomina no cyclist vencedor.

Soares Junior, antigo cyclist que tantas tardes de gloria obteve na pista do velodromo, foi o vencedor da corrida de 1:000 metros, provando que não desmereceu em qualidades ha muito reconhecidas.

Na prova de 102 kilometros, das Caldas a Lisboa, ficou vencedor o intemperato cyclist sr. Joaquim Dias Maia, que alcançou mais de 29 kilometros á hora.

A nota final da classificação foi a seguinte:

1:000 metros: 1.º eliminatória, 1.º, Soares Junior; 2.º eliminatória, 1.º, Raul de Macedo; 3.º eliminatória, 1.º, Floriani; respescagem: 1.º, Pedro de Moura; «final», 1.º, Soares Junior; 2.º, Raul de Macedo; 3.º, Floriani, e 4.º, Pedro de Moura.

Cyclistas de 28 kilometros:—Chegada á 1 hora e 44 minutos: chegadas, 1.º, Joaquim de Oliveira Fresco Junior, ás 2 h. e 17 m.; Manuel Francisco de Abru Junior, ás 2 h. e 2 m.; Henrique Palma, ás 2 h. e 2 m.; Annibal Amaro Se rano, ás 2 h. e 31 m.; Cesar da Luz, ás 2 h., 31 m. e 5 s.; José Correia, ás 2 h. e 32 m.; Antonio José Christiano, ás 2 h., 32 m. e 5 s., e Manuel dos Santos, ás 2 h., 32 e 5 s.

Cyclistas de 102 kilometros, das Caldas a Lisboa, partida das Caldas ás 12 horas e 15 minutos: chegada á Avenida da Republica de Dias Maia ás 3 h. e 58 m.; de Charles Georges ás 4 h., 3 m. e 47 s.; de Alberto de Albuquerque, ás 4 h., 8 m. e 2 s., e de Luiz Baptista, ás 4 h., 25 m. e 27 s.

Constituiram o jury os srs. Rosendo Carvalhelra, presidente; Tavares de Mello e Arthur de Oliveira, commissarios; juiz de partida, dr. José Pontes; juiz de chegada, Joaquim Victal; chronometristas, Antonio J. Oliveira e Cyrillo Miramon.

Eu sei que é bradar n'um deserto, mas enfim, lá vai: Lamento sinceramente que o publico que assiste a estas provas não comprehenda a necessidade que ha em se conservar alinhado de forma a não perturbar o bom andamento das provas e não attenda os instantes pedidos que n'esse sentido lhe são ditados.

Será falta de educação? Assim me parece.

Sport Club Progresso

Em honra dos jornalistas sportivos deu-se, n'este club, um sarau que decorreu muito animado.

Os numeros de «box» correu Paul Garroux e Harry Rocha, seu discipulo; a de «barra fixa», pelos srs. Carlos Leão Lopes e Antonio do Carmo; «forças combinadas», por Raul Alves Martins e The-tonio de Aguiar foram muito applaudidos.

A festa decorreu animadamente, terminando com um baile em que se dançou até mad'ugada.

ROMOLO.

Caldas da Rainha

Comquanto o estabelecimento balnear só fechasse em 31 de outubro, a época para banhistas e forasteiros terminou no fim de setembro, Isto é o que tem acontecido, mas não foi assim este anno.

Muitas familias aqui se deixaram ficar durante a primeira quizenza de outubro, notando-se animação no club onde tocou o pianista Miguel Ferreira, com agrado dos que gostam de danças. Houve mesmo noites de enthusiasmo, tomando parte nas danças antigos *habitués* d'estas thermas, que de ha muito se tinham deixado de folias.

A razão de muitas familias aqui se conservarem é, assim se diz, o receio de regressarem a Lisboa.

Trata-se d'um receio infundado, não ha duvida, mas como esta terra só tem a lucrar com a permanencia dos que por cá se encontram, deixem-se estar e vão animando a vida caldensa.

—Em S. Martinho, Nazareth e Foz do Arelho encontram-se bastantes familias aqui residentes. E' o costume de todos os annos. Em chegando outubro todos que podem vão para aquellas praias descançar das fadigas do verão.

A praia da Foz é a mais preferida e divertem-se por lá immenso reunindo-se em alegre convívio, (como se diz no *Burro do sr. Alcaide*) ao contrario do que fazem aqui, em que durante o inverno ninguem se reúne a não ser n'alguma pharmacia a discutir o caso do dia ou a criticar o que cada um faz.

E aqui está como tomei a palavra que me foi dada pelo meu amigo sr. Alfredo Pinto (Sacavem) com permissoão do tambem meu amigo sr. Eduardo Fernandes, chefe da redacção d'esta revista, a quem agradeço a amabilissima carta que me endereçou.

Possuisse eu o bello talento de Alfredo Pinto e muitas coisas boas diria aos leitores da *Vida Artistica*, mas quem dá o que tem...

SEMGO.

ESPECTACULOS

REPUBLICA—8 1/4—Envelhecer.
THEATRO DA TRINDADE—8 1/4—Amores de Príncipe.

GYMNASIO—8 1/2—Sr. Inspector—A Co'ote.
THEATRO AVENIDA—8 1/4—Mancheia de rosas—Dôr de cotovello.

THEATRO APOLLO—8 1/2—O Chico das Pegas.

THEATRO DAS VARIEDADES—8 1/2 e 10 1/2—Peco a palavra (revista).

THEATRO PHANTASTICO—8 1/4 e 10 1/4—Isso... virgula! (revista).

ROCIO PALACE—Que ha de novo, (revista)

THEATRO INFANTIL DO ROCIO—8 e 10—A' espreita (revista).

COLYSEU DOS RECREIOS—8 1/2—Companhia de variedades.

CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL (Palacio Foz)—Avenida da Liberdade.

OLIMPIA—Salão de concertos, etc., rua dos Condes.

SALÃO DA TRINDADE—Rua Nova da Trindade.

GRANDE SALÃO DOS ANJOS—Travessa do Borrhalho.

JARDIM ZOOLOGICO—Exposição permanente de aves e animaes ferozes.

TELEPHONE 1.436

J. VILANOVA & C. A

Telegrammas:

LOWSKY Lisboa Porto

SÉDE: Rua Poa Vista, 160, 162 e 164
LISBOA

FILIAL: Rua do Almada, 113, 1.º
PORTO

OLEOS MINERAES

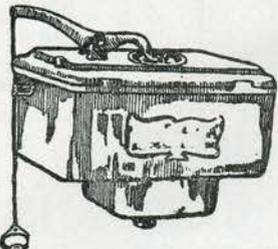
Especiaes para lubrificação de automoveis

GANHAM AS CORRIDAS DE RAMPA, A SABER:

O ill.^{mo} Sr. Estevão de Oliveira Fernandes em carro Brasier lubrificado com o nosso Oleo Automobiliol A, ganha a taça dos Sports illustrados.

O ill.^{mo} Sr. Angel Beauvalet, em carro Berliet lubrificado com o nosso Oleo Extra-Automobil Cylinder, é o segundo classificado.

HENRIQUE PATRONE R. de S. Paulo, 109
LISBOA



Autoclismos
 INGLEZES
 O melhor systema
 Louças sanitarias
 ESQUENTADORES

Montagem de luz electrica
 Serralheria civil

Fogões de cozinha e sala
TORNEIRO DE METAES
 Variado sortimento de candieiros, bicos, chaminés e mangas para incandescência a gaz, petroleo e gazolina.



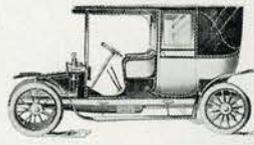
CANALISAÇÕES PARA AGUA, GAZ E ACETYLENE

F. Street & C.º L.º
 ENGENHEIROS
 Machinas  Rua Poço dos Negros
 LISBOA
 Telephone: N.º 646

AUTOMOVEIS D'ALUGUEL

Marca
F. I. A. T.

Praça
 do **ROCIO**



Taxi
SELLADO
 Telephone
 2698

Garage **F. I. A. T. — PALACE — Telephone 2702**
SERVIÇOS À HORA
 Numeros dos carros: 19, 35, 122, 190, 375
 CARROS ABERTOS, EM CARGA
 Alugam-se carros ao mez (aturados) nas mesmas condições que as carruagens
 Proprietario, **VASCO JARDIM**

“MERCEDÉS”
 MACHINAS DE ESCREVER
 A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACCESORIOS
 Reparações em todas as marcas de machinas

Copias à machina — Traducções
 Enstao de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS
 TELEPHONE N.º 3066 — Agencia no Porto

Empreza Nacional de Navegação



Sae no dia 1 de novembro o
Paquete AFRICA
 para a Madeira, S. Thomé, Loanda, Lobito, Cidade do Cabo (Cape Town), Lourenço Marques, Beira e Mocimboque; e para Inhambane, Bartholomeu Dias, Chinde, Quelimane, Angoche, Porto Amelia, Ibo e Tungeue, com trahbordo. Não recebe carga para S. Thomé. Carrega até 30 ao meio dia.

Para carga, passagens e outros esclarecimentos, trata-se: — NO PORTO, com os agentes H. Burmester & C.º, rua do Infante D. Henrique — EM LISBOA: Escriptorios da Empreza, 83, rua do Commercio.

OFFICINA DE FUNDIÇÃO DE METAES
 TORNEIRO E GALVANISMO
 FUNDADA EM 12.6.1901

Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e varios para montras, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos para Gaz e Agua
 Instalações electricas
 Dourar, pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES
 R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

LUZ ELECTRICA
J. A. LEITÃO
 129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construções e installações electricas, força motriz, aparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dynamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcos voltaicos, resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, para-raios, etc.

REPAÇÃO DE TODO O SYSTEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES
ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Garage
Estephania
 107-109, R. José Estevam, III-III3
 LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT.
 Taxímetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Alfredo Eduardo Gonçalves
 OFFICINA
 — DE —
CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes à sua arte

7, Rua da Condessa, 9
 (AO CARMO) LISBOA

ENCADERNADOR-DOURADOR
 Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos
 220, Rua Augusta, 222
 Telephone 2089

Maulino Jereira
 Succursal das Officinas de encadernação movidas a vapor

92, R. N. da Trindade, 92
 TELEPHONE 1495

Vinhos e Azeites
JOÃO LUIZ AFFONSO
 Travessa da Trindade, 22-24

Vinho Verde de 1.ª qualidade
 Azeite de Castello Branco muito fino
 Vinhos finos e licores

Vestidos de senhoras e crianças
LAVA, LIMPA E TINGE
TINTURARIA CAMBOURNAC
 10, Largo da Annunciada, 10
 Rua de S. Bento, 175-A
 LISBOA Telephone 562

PEREIRA

FABRICANTE DE MOLDURAS E DOURADOS EM TODO O GENERO

Encarrega-se de molduras para bordados, consolos, mobílias, espelhos e dourados em casa, etc.

273, RUA DA ROSA, 275
Proximo á rua D. Pedro V

ANTIGUIDADES

Compram-se por bons preços Louças, crystaes, moveis, joias, bronzes e tudo antigo que revele arte e belleza.

Rua da Escola Polytechnica, 97
(Defro. te das escadas da Escola)

M. CARVALHO

MAFRA

HOTEL MOREIRA

No largo, em frente do convento

Bellas accommodações desde 15000 réis por dia até 18500 réis.
Redução de preços para caixeiros viajantes.

Proprietario — JOAQUIM PEDRO MOREIRA

ABRANTES

Hotel Central

Proprietario — MANUEL MONTES CARREIRO

Situado no centro do commercio. Illuminado a acetilene. Campainhas electricas em todos os quartos.

Magnificas condicoes d'asselo, conforto e bom tratamento

Braga — BOM JESUS

GRANDE HOTEL | Grande Hotel do Elevador
Campo de Sant'Anna, 27 a 37 | e Grande Hotel do Lago

Proprietarios: GOMES & MATOS, Successores de Manuel Joaquim Gomes

Hoteis de primeira ordem. Serviço esmerado. Quartos espaçosos e bem mobilados, de onde se gosam esplendidos panoramas. Banhos completos. Luz electrica. Salões de taite e de visitas. Pianos e orgão. Telephone e caixa do correio.

Preços, comprehendendo quarto, comida, vinho, serviço e luz, desde 15500 até 25200 réis por dia

PRODUCTOS ALIMENTARES

para diabeticos, despepticos e neurasthenicos de Sana. Caixas de phantazia com bolachas e chocolates suissos, sopas instantaneas, chás, caramellos, etc.

M. C. NEVES
Rua Nova do Almada, 83

EVORA

Hotel Eborense

O melhor da provincia do Alemtejo. Estabelecimento de banhos. Sala de visitas. Bons aamentos para familias.

Proprietario, JOSÉ AUGUSTO ANNES

Bellas estampas

EM PHOTOGRAVURA

contendo o

ACTUAL GOVERNO

proprio para quadro

Remettem-se a quem enviar 100 réis em estampilhas

R. Poyaes S. Bento, 87, 1.º, esq.

LISBOA

Tambem ha uma pequena quantidade contendo o GOVERNO PROVISORIO ao preço de 50 réis

A NACIONAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sede na sua propriedade: — 14, Avenida da Liberdade, 14 — LISBOA

Sociedade anónima
de
responsabilidade limitada

CAPITAL
500:000\$000
RÉIS



Fundada em 17-4-906

RESERVAS
135:753\$650
RÉIS

Seguros de vida e Seguros terrestres e maritimos

Prestam-se todas as informações verbalmente das 10 horas da manhã ás 5 da tarde, na sede da Companhia, ou por escripto na volta do correio.

Director — FERNANDO BREDERODE Sub-Director — JOSÉ A. QUINTELLA

VIDAGO

Hotel Avenida

Edificio construido expressamente junto á Estação do caminho de ferro e Avenida, proximo da nascente Vidago.

Bons quartos, magnifica sala de jantar com mezas para familia, casas de banhos, café, bilhar, e jogos licitos.

Preços de 1200 a 1500 réis
Almoços 500 e jantares 700 réis

Correspondencia ao concessionario

Domingues Pires

GEREZ

Grande Hotel Universal

Propriedade da Companhia Carris

Este hotel que passou por amplas reformas é o melhor da estancia. Possui um magnifico square e é o unico illuminado a electricidade e mezas para familia.

Serviço de primeira ordem — Preços moderados

Trens da Companhia com mudas em Boura

O Conselho de Administração: — Alfredo da Fonseca Meneres, Antonio Reis Porto, Antonio d'Araujo Costa. — Gerente do Hotel: — Julio Pinto da Rocha.

Cesar A. Paiva

Cirurgião-Dentista
do Hospital de S. José e annexos

Premiado na exposição internacional de Paris de 1900, com menção honrosa a unica concedida pelo jury a expositores portugueses d'esta classe.

Collocam-se dentes desde um até a dentadura completa. Tratamento especial de molestias de bocca.

R. do Arsenal, 100, 1.º

Telephone n.º 3.355 LISBOA

AS AGUAS D'ENTRE-OS-RIOS

CURAM AS BRONCHITES

O Grande Hotel da Torre

é o unico HOTEL que está ligado ás Thermas das

Aguas d'Entre-os-Rios

SERVIÇO MAGNIFICO

Quartos desde 18200 a 28000 réis

Pedidos de quartos a

Avelino & Camanho

TORRE-ENTRE-OS-RIOS

J. I. RIBEIRO DOS SANTOS

Premiado com menção honrosa na Exposição de 1893
PREVILEGIO EXCLUSIVO
da Pomada Dumont para cura do rheumatismo
GESSOS E BETUMES

Deposito de drogas: Oleos, Tintas, Vernizes, Pinceis, Sabão, sabonetes e perfumarias.

Qualidades garantidas — Preços sem competencia

Productos chimicos e medicinaes por grosso e meudo

Unico deposito geral em Portugal da Agua Circassiana para restaurar o cabelo — Oleo da Persia — Vigor Tónico do Oriente — Oleo do Egypto para o cabelo e da Favorita Universal e Leite Divino para a cutis.

22, Rua do Amparo, 22

16, Rua do Arco Marquez de Alegrete, 16
LISBOA

Carnes conservadas pelo frio

Pelo systema adoptado em Inglaterra

À VENDA no Mercado 24 de Julho, logar n.º 1 — no Largo de S. Domingos
no Largo de Alcantara — no Largo de Santa Barbara

Aos domicilios — Pedidos telephone n.º 1295

GRANDES ARMAZENS FRIGORIFICOS